

# Automutilação na adolescência: uma revisão sistemática da literatura

*Self-Shake in Adolescence: A Systematic Review of the Literature*

Clea Ferreira Soares<sup>1</sup>  
Julia Silvana de Souza Santos<sup>2</sup>  
Jéferson da Silva Machado<sup>3</sup>  
Mirella Martins Justi<sup>4</sup>

## RESUMO

A automutilação na adolescência vem despertando, a nível mundial, muita preocupação, uma vez que o impacto da mídia e o fácil acesso a recursos tecnológicos intensifica, ainda mais, esse comportamento. Assim, o presente trabalho objetivou compreender os fatores associados a condutas de automutilação em adolescentes, como uma proposta de unir conhecimentos na área, alinhar e fundamentar o conceito teórico por meio de estudo bibliográfico sistemático. Para elaboração dos resultados e discussão, foram considerados somente estudos de caso e estudos transversais epidemiológicos, buscando compreender os fatores psicopatológicos que podem ser determinantes para o desencadeamento de tal ato e sua relação com a saúde mental.

**Palavras-Chave:** Adolescente, Automutilação, Saúde Mental.

## ABSTRACT

Self-mutilation in adolescence has been raising worldwide concern, since the impact of the media and easy access to technological resources further intensifies this behavior. Thus, the present study aimed to understand the factors associated with self - mutilation behaviors in adolescents, as a proposal to unite knowledge in the area, to align and to base the theoretical concept through a systematic bibliographic study. For the elaboration of the results and discussion we considered only case studies and epidemiological cross - sectional studies seeking to understand the psychopathological factors that may be determinant for the triggering of such an act, its relation with mental health.

**Key words:** Adolescent, Self Mutilation, Mental Health.

## Introdução

O período de transição da infância à vida adulta é complexo, envolve aspectos biológicos e psicológicos que, por si só, pressupõem uma violência psíquica interna. Todas as mudanças, tanto externas quanto internas, com as quais o adolescente se vê confrontado fazem com que se encontre em um verdadeiro estado de desamparo emocional (CARDOSO; DEMANTOVA; MAIA, 2016). Esses sentimentos ainda podem

---

<sup>1</sup>Acadêmica do 8º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

<sup>2</sup>Acadêmica do 8º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

<sup>3</sup>Psicóloga, Doutorado (em andamento) em Psicologia Social, Mestre Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba.

<sup>4</sup>Dentista, Mestre em Dentística Restauradora, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba.

estar ligados a múltiplas fontes traumáticas (DRIEU; PROIA-LELQUEY; ZANELLO, 2011).

A probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco aumenta durante a adolescência. Maia e Willians (2005) destacam que, nessa etapa da vida, pode ocorrer uma desordem emocional ou comportamental, que modifica ou altera a resposta pessoal para algum risco físico e psicológico, o qual poderá resultar em indícios de automutilação nos adolescentes. No campo da psicopatologia, a automutilação é um impulso (ou compulsão), seguido de comportamento de autolesão voluntária. Os profissionais desta área baseiam-se nos sinais e sintomas identificados no paciente e relacionam-nos com um sistema de classificação de doenças; atualmente, no Brasil, os mais utilizados são a CID10 da Organização Mundial de Saúde e o DSM- IV/V da *American Psychiatric Association* (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2016).

O comportamento autolesivo apresenta crescente evidência no campo científico nos últimos tempos. Um estudo transversal comparou as características sociodemográficas e as características clínicas de 40 prontuários de indivíduos que se automutilam: desses, 36 (90%) referiram ter vivenciado algum evento traumático, sendo que a idade média de início da automutilação nestes pacientes foi por volta dos 17 anos (DP:  $\pm 9,5$  anos), ou seja na adolescência (GIUSTI, 2013).

O perfil de um adolescente que pratica comportamentos auto lesivos é determinado por perturbações a nível de psicopatologia geral como ansiedade, depressão, impulsividade e agressividade, estando associados a um diagnóstico psiquiátrico, sobretudo doença afetiva (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013). Mesquita *et al.* (2011) salienta que o contexto familiar desempenha um papel preponderante na adoção destes comportamentos, sendo que um funcionamento familiar inadequado pode refletir em sintomas depressivos, aumentando o risco de envolvimento em tais comportamentos.

Assim, a abordagem desse tema vem despertando, mundialmente, muita preocupação, uma vez que o impacto da mídia e o fácil acesso a recursos tecnológicos intensifica ainda mais esse comportamento. Alguns dos jovens que vivenciam tal comportamento expõem, em diários virtuais, como se sentem em relação aos outros e a si próprios; quando compartilhados, tornam-se importantes fontes de incentivo. Portanto, é preciso aprofundar os estudos neste contexto,

preenchendo uma lacuna sobre tal comportamento (BRAGA; CAVALCANTE, 2016). Segundo Bussmann; Pretto (2017), estas reflexões poderão auxiliar no aprimoramento da forma de cuidado em saúde mental desses adolescentes, uma vez que estão voltadas a compreender os diversos fatores psicopatológicos envolvidos na motivação, bem como refletir sobre a clínica desses adolescentes, que tem peculiaridades próprias desta faixa etária. Diante do exposto, o presente trabalho objetiva compreender os fatores associados a condutas de automutilação em adolescentes, como uma proposta de unir conhecimentos na área, alinhar e fundamentar o conceito teórico.

### **Material e Método**

O presente trabalho enquadra-se em um estudo bibliográfico sistemático; a coleta de dados foi realizada utilizando as bases de dados CAPES, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Google Acadêmico*. A busca foi conduzida utilizando os relatores disponíveis nos Descritores de Ciências da Saúde (DeCS): Adolescente, Automutilação, Saúde Mental.

Os critérios de inclusão adotados foram artigos e periódicos que apresentassem, como tema principal, a automutilação na adolescência; trabalhos publicados entre 2010 e 2018; publicações em Língua Portuguesa. Para elaboração dos resultados e discussão, foram considerados somente estudos de caso e estudos transversais epidemiológicos, buscando compreender os fatores psicopatológicos que podem ser determinantes para o desencadeamento de tal ato e sua relação com a saúde mental. Estudos que não estão em conformidade com o assunto foram excluídos. Todo material obtido foi submetido à leitura cuidadosa e à análise apresentada de forma descritiva. A organização e a análise dos dados servirão como base para que seja realizada uma discussão fundamentada em resultados científicos.

### **Resultados e Discussão**

A seguir estão apresentados os resultados obtidos na presente pesquisa; inicialmente se destacam os resultados de forma geral e, após, seguem os dados pormenorizados. Na busca eletrônica, foram selecionados 57 artigos como relevantes para o desenvolvimento do trabalho, sendo 5 deles disponíveis no periódico CAPES, 4 na BVS, 18 no SCIELO e 30 no *Google Acadêmico*. Após leitura

completa, 44 não se enquadravam nos critérios de inclusão, ou seja, apenas estudos de caso e estudos transversais epidemiológicos, cujos indivíduos de estudo tratavam-se de adolescentes com comportamento de automutilação, visando compreender os fatores determinantes para o desencadeamento de tal ato e sua relação com a saúde mental.

Desta forma, 13 artigos mostraram-se elegíveis para a elaboração dos resultados e discussão, dentre estes, seis eram estudos de casos individuais ou em grupo ((DRIEU; PROIA-LELQUEY; ZANELLO, 2011; BERNARDES, 2015; CARDOSO, 2015; DAMOUS; KLAUTAU, 2016; BUSSMANN; PRETTO, 2017; CARISSIMI, 2017) e 7 estudos transversais epidemiológicos (MESQUITA et al., 2011; RODRIGUES, 2015; GONÇALVES, 2016; ULBRICH et al., 2017; SILVA; SIQUEIRA, 2017; TRINCO; SANTOS; BARBOSA, 2017; TRINCO; SANTOS, 2017); todos descritos na Língua Portuguesa e publicados entre os anos de 2010 e 2017.

As tabelas 1 (a, b e c) a seguir apresentam os artigos selecionados, identificando o(s) autor(es), ano de publicação, objetivo, grupos ou indivíduos do estudo, atendimentos/ ou instrumentos para coleta de dados e conclusão.

**Tabela 1a.** Seleção de estudos de caso e estudos transversais epidemiológicos. Ano de publicação: 2011 a 2015.

Autor(es), Ano	Objetivo	Grupo/Indivíduo de estudo	Atendimentos/Instrumentos	Conclusão
Drieu; Proia-Lelquey; Zanello, (2011)	Discutir a dimensão paradoxal e o sentido intersubjetivo dos comportamentos suicidas e de risco no adolescente.	Uma adolescente de 14 anos que decidiu iniciar o trabalho terapêutico após internação devido a cortes e comportamentos anoréxicos. Dois irmãos, um de 11 e o outro de 13 anos, com dificuldades de comportamento e possível distúrbio <i>borderline</i> .	Os atendimentos foram realizados em uma clínica integrada a um Centro Médico-Psicológico para adolescentes.	Uma primeira ideia desses sintomas leva-nos ao interesse pelas consequências da puberdade, marcada pelo desligamento pulsional. Essa percepção dos distúrbios da adolescência e do cuidado parece-nos, cada vez mais, ligada às mudanças antropológicas que estão modelando o trabalho de construção do sujeito adolescente.
Mesquita et al., (2011)	Avaliar a prevalência de um conjunto de comportamentos autodestrutivos em adolescentes e analisar a relação das características do ambiente familiar com os sintomas.	408 adolescentes, com uma média de idade de 17,2 (DP=1,26) de três escolas que aceitaram participar do estudo, após reuniões de esclarecimento junto dos responsáveis.	Os instrumentos utilizados incluem um <i>checklist</i> relativo a comportamentos de automutilação e suicídio, um Inventário de Depressão para Crianças e Adolescentes, e um Questionário da História Familiar.	Os resultados revelam que 49 adolescentes (12.2%) já se feriram de forma intencional. Verificamos que os comportamentos autodestrutivos são frequentes, assinalando a adolescência como período crítico na sua manifestação. As características da família surgem relacionadas com o envolvimento em comportamentos autodestrutivos, tendo a relação com os pais maior influência.
Bernardes (2015)	Compreender os sentidos da automutilação para adolescentes que a praticam.	6 adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos do gênero feminino, que apresentaram comportamento de automutilação e são ou foram acompanhados pelo CAPs Infantil, Ambulatórios Gerais e Unidades de Saúde da cidade de Blumenau.	Os atendimentos foram realizados nos Ambulatórios Gerais das Unidades de Saúde. Como recurso metodológico utilizado, além do estudo de casos, foi realizada a entrevista em profundidade.	Como resultado, podemos entender a automutilação como um comportamento de perda de contato com o mundo, principalmente quando o adolescente depara-se com um ambiente ameaçador, não acolhedor e agressivo.
Cardoso (2015)	Investigar a qualidade do Eu-Pele e do investimento dos limites em adolescentes que se escarificam.	Adolescentes com histórico de escarificações, com idades entre 14 e 18 anos, sendo 3 sujeitos do sexo masculino e 7 do sexo feminino.	O método utilizado foi o clínico-qualitativo com estudos de caso, seguindo o modelo de grupo único. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, entrevistas clínicas e o método de Rorschach.	60% dos participantes demonstraram falhas nos processos de delimitação das barreiras entre dentro/fora, 40% demonstrou ter dificuldades opostas, por conta do excesso de investimento direcionado às barreiras que delimitam o espaço interno e externo, outro.

**Tabela 1b.** Seleção de estudos de caso e estudos transversais epidemiológicos. Ano de publicação: 2015 a 2017

Autor(es), Ano	Objetivo	Grupo/Indivíduo de estudo	Atendimentos/Instrumentos	Conclusão
Rodrigues (2015)	Explorar a relação entre funcionamento familiar, rejeição paterna e Comportamentos Autolesivos, bem como analisar a intencionalidade desses comportamentos.	Participaram neste estudo 384 adolescentes, 50,8% pertencentes ao sexo masculino e 49,2% pertencentes ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e 20 anos de idade.	Os instrumentos de coleta foram a Escala de Coesão e Flexibilidade Familiar, Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais, Inventário dos Comportamentos Auto Lesivos e o Questionário de Ideação Suicida.	Os resultados mostram que, do total dos adolescentes, 21,9% praticam comportamentos autolesivos, sendo a maioria do sexo feminino. A maioria dos adolescentes que possuem estes comportamentos têm igualmente ideação suicida. O funcionamento familiar, a percepção de rejeição paterna e a ocorrência de comportamentos autolesivos estão correlacionadas entre si.
Damous, Klautau (2016)	Examinar o conceito de trauma, incluindo a questão do desamparo e do excesso pulsional a partir de uma situação clínica de automutilação na adolescência.	Uma adolescente de 15 anos com cicatrizes de muitos cortes nos braços e nas coxas, causados por estilete, ato esse que iniciou por volta de 13 anos.	Os atendimentos foram realizados no ambulatório de saúde mental da rede pública por intermédio de uma agente comunitária de saúde que pertence à equipe de saúde da família.	Buscamos encontrar um valor mensageiro no ato impellido pela compulsão de cortar-se; nas entrevistas realizadas, foi possível notar o enorme vazio afetivo e de ligações associativas entre o que foi vivido e o que pôde ser simbolizado.
Gonçalves (2016)	Analisar o que dizem adolescentes de duas escolas (municipal e estadual) da rede pública de ensino da cidade de Uberlândia sobre as práticas de automutilação.	Os sujeitos participantes da pesquisa foram adolescentes (meninos e meninas) de turmas de 8º e 9º anos das escolas envolvidas, apresentando idades entre 13 e 17 anos.	O levantamento de informações foi realizado por meio de observações, aplicação de questionário, grupos de discussão direcionados aos adolescentes.	Concluímos que os dizeres dos alunos permitiram que tomássemos a automutilação como uma prática cujo sentido aciona noções como doenças, depressão, dor, sofrimento, prática de grupo, constituição da identidade e dos sujeitos adolescentes.
Busmann, Pretto (2017)	Discutir sobre o significado dos cortes no corpo do adolescente, a partir da experiência de estágio realizada em uma Estratégia de Saúde da Família.	Uma adolescente de 15 anos que se cortava em momentos nos quais se sentia triste, frustrada ou até mesmo carente afetivamente.	Os atendimentos foram realizados em uma Estratégia de Saúde da Família – ESF localizada no interior do Rio Grande do Sul.	O presente estudo foi tecido em torno do problema “qual o significado dos cortes no corpo da adolescente”. Verificou-se, neste caso, que se cortar é a maneira encontrada pela jovem para dar vazão aos sentimentos e angústias, ou seja, ela se utiliza dos cortes como forma de anular a dor psíquica.
Carissimi (2017)	Refletir sobre a adolescência e as automutilações através do olhar da psicanálise.	Uma paciente de 12 anos com estrutura de base neurótica e casos de autoagressões.	O acompanhamento psicoterapêutico em clínica escola.	Conclui-se que as famílias buscam uma terapia medicamentosa; abordamos um pouco da visão psiquiátrica sobre esta “patologia”. A adolescência não pode ser calada ou banida, ela precisa ser entendida, ouvida e falada.

**Tabela 1c.** Seleção de estudos de caso e estudos transversais epidemiológicos. Ano de publicação: 2017

Autor(es), Ano	Objetivo	Grupo/Indivíduo de estudo	Atendimentos/Instrumentos	Conclusão
Ulbrich et al., (2017)	Descrever os motivadores da ideação suicida e a autoagressão em adolescentes.	Foram entrevistados 17 alunos com idade entre 11 e 18 anos, matriculados em uma escola privada na cidade de Pato Branco (PR).	Utilizou-se, para a coleta dos dados, um questionário contendo 16 perguntas fechadas e 2 abertas.	O comportamento autoagressivo e ideação suicida predominou no sexo feminino com 76,47%. Dentre os principais motivos que levaram a tal ato, destaca-se a mágoa ou raiva com 70,58%. Os adolescentes declararam que utilizam a autoagressão como mecanismo de fuga, onde este ato seria a exteriorização da dor que sentem na alma; é como se a angústia diminuísse com a dor física.
Silva, Siqueira (2017)	Caracterizar o perfil predominante de adolescentes envolvidos em casos de autolesão, identificados nas escolas estaduais de Rolim de Moura – RO.	Foram entrevistados alunos das escolas estaduais de ensino fundamental e médio; quantidade esta correspondente a 77,8% das escolas estaduais do município.	Para a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com base em estudos e literatura pesquisada, contendo 25 questões abertas e fechadas.	Todas as escolas entrevistadas já se depararam com casos de autolesão entre seus alunos. A maioria dos casos ocorreram com meninas, em uma faixa etária de 12 a 15 anos, notaram-se mudanças no comportamento dos alunos quando passaram a praticar a autolesão.
Trinco, Santos, Baarbosa (2017)	Identificar as vivências dos pais dos adolescentes com idade entre os 13 e 18 anos com comportamento autolesivo.	Amostra de conveniência constituída por 38 pais de adolescentes com comportamento autolesivo.	Foi utilizada a entrevista semiestruturada com pais de adolescentes que ficaram internados no serviço de urgência de um hospital pediátrico.	Os resultados obtidos evidenciaram que esta situação provoca Sentimentos/Emoções ambivalentes nos pais que manifestaram o ensejo de falarem com o enfermeiro sobre o sucedido e poderem ter orientação de como lidar com o filho, mas, sobretudo, sem serem criticados/estigmatizados assim como o adolescente.
Trinco, Santos (2017)	Caracterizar os adolescentes com comportamento autolesivo que recorreram no serviço de urgência de um hospital pediátrico; categorizar os comportamentos autolesivos; identificar o motivo que levou ao comportamento autolesivo.	35 adolescentes com idade compreendida entre os 13 e os 17 anos.	Estudo de casos múltiplos, por meio de análise de entrevista aos pais que acompanharam o filho durante o internamento no serviço de urgência de um hospital pediátrico.	Meninas com uma média de idade de 15,5 anos são quem mais tem comportamentos autolesivos. As intoxicações medicamentosas são as que têm maior relevância, seguido das automutilações, sendo que 55% dos adolescentes referem que o motivo para o ato é o sofrimento psíquico em que se encontram; 39,5% referem disfunção familiar; a escola e as relações entre pares também aparecem como motivo para o ato.

Foi possível observar que estudos epidemiológicos neste âmbito são complexos, pois depende do tipo de amostra (estudos em instituições comunitárias ou em clínicas), bem como dos critérios de inclusão adotados. No que se refere à prevalência, esta parece ser bem diferente dentre os estudos epidemiológicos ora aqui observados; entretanto, quando se referem ao gênero, os estudos mostram semelhança, tendo uma maior prevalência do gênero feminino (MESQUITA et al., 2011; RODRIGUES, 2015; GONÇALVES, 2016; ULBRICH et al., 2017; SILVA; SIQUEIRA, 2017; TRINCO; SANTOS, 2017).

Um estudo feito com um total de 384 jovens de duas escolas públicas e uma escola semiprivada da área de Cascais, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, sendo que 195 sujeitos são do sexo masculino (50.8%) e 189 do sexo feminino (49.2%) relatou uma prevalência de tal comportamento em 21,9% dos adolescentes, sendo mais frequente em meninas (RODRIGUES, 2015). Já no estudo de Ulbrich et al. (2017), o comportamento de automutilação chegou a uma prevalência em 76,47% das meninas entrevistadas; tal comportamento parece ser mais prevalente em meninas com idade entre 12 a 15 anos.

Após leitura completa dos artigos selecionados, foi possível a organização e a análise dos dados por categorização de tema. Assim, observou-se a divisão de três categorias gerais, sendo: I) estudos que buscaram identificar o perfil e os principais comportamentos desencadeados por estes adolescentes (6); II) estudos cujo foco era identificar o papel da família de adolescentes que desencadearam tal comportamento (4); e III) estudos que buscaram compreender o significado da automutilação para os adolescentes (5). Aqui o total de artigos é maior que a quantidade dos selecionados na tabela acima, pois, às vezes, o mesmo texto abordava mais de um tema diferente. Além disso, a divisão por categorias é apenas didática, visto que elas estão em constante inter-relação e não se pode considerá-las isoladamente.

No que se refere aos principais comportamentos desencadeados por estes adolescentes, a maioria apresenta maior psicopatologia geral, tal como ansiedade, depressão, impulsividade e agressividade. Silva e Siqueira (2017) investigaram a autolesão em adolescentes encontrados em contexto escolar no município de Rolim de Moura - RO, com o objetivo de caracterizar o perfil predominante dos casos de autolesão identificados nestas escolas. As características e comportamentos

observados foram o uso de roupas com manga longa, uso de pulseiras, faixas, braceletes, etc. para esconder cortes e comportamentos de isolamento em adolescentes que emitiam o comportamento autolesivo. Mesquita et al. (2011) salientam ainda que os sintomas de humor depressivo e a qualidade do funcionamento familiar agravam a situação.

Observa-se ainda que tais atos ocorrem dentro das próprias instituições de ensino de forma individual (maioria) e em grupo. Assim, frente ao quadro de crescente ocorrência desse comportamento nas escolas, a presença de profissionais preparados nestas instituições é considerada um fator chave para a identificação e intervenção desses casos, dentro daquilo que pode ser desenvolvido pela equipe de orientação. Tendo como base comportamentos de risco e sua ocorrência, mostra-se necessária formação e instrução para esses profissionais e, impreterivelmente, suporte de psicólogos especializados que possam auxiliar no manejo com tais casos, para que se obtenha sucesso na intervenção junto a esses alunos (SILVA; SIQUEIRA, 2017).

Para Bernardes (2015), a automutilação pode estar associada como um comportamento de perda de contato com o mundo, principalmente quando o adolescente depara-se com um ambiente ameaçador, não acolhedor e agressivo. O comportamento de retroflexão surge, então, quando não se percebem novas formas de interação com o mundo. Existe uma busca das adolescentes por um lugar de visibilidade, um lugar de escuta e acolhimento. Os espaços e grupos que as adolescentes circulam, como família e escola, ou seja, onde ocorre a vida cotidiana, têm mostrado fragilidades na relação com elas.

Estudos que visam identificar o papel da família de adolescentes que desencadearam tal comportamento mostram que o contexto familiar desempenha um papel preponderante na adoção destes comportamentos, sendo que um funcionamento familiar inadequado pode refletir em sintomas depressivos, aumentando o risco de envolvimento em tais comportamentos, tendo a relação com os pais maior influência (MESQUITA et al., 2011; RODRIGUES, 2015, TRINCO; SANTOS; BARBOSA, 2017).

Buscando compreender o significado dos cortes no corpo do adolescente, Bussmann e Pretto (2017) realizaram um acompanhamento de uma adolescente que se cortava e concluiu que os cortes no corpo dos adolescentes têm diversos

significados, sendo que sua desestrutura familiar mencionada, a baixa autoestima, além de questões próprias da adolescência podem ser fatores que a levam a cortar-se.

Para Ulbrich et al. (2017), os principais motivos que levaram ou levariam os adolescentes à autoagressão, têm como causas principais: o sofrimento e/ou raiva, frustração ao longo da vida, solidão, ausência dos pais e influência dos amigos ao uso de álcool e drogas. Caríssimi (2017) salienta ainda que muitas vezes as famílias buscam uma terapia medicamentosa para esta manifestação para poder dialogar com a psiquiatria e abordar um pouco da visão psiquiátrica sobre esta “patologia” e o que algumas pesquisas recentes concluiriam. A adolescência, em suas manifestações, não pode ser calada ou banida; ela precisa ser entendida, ouvida e falada.

A partir de uma situação clínica de automutilação na adolescência, Damous e Klatau (2016) salientam que o trauma, somado à questão do desamparo e do excesso hormonal, agrava ainda mais a compulsão pelo ato de cortar-se. Drieu, Proia-Lelquey e Zanello (2011) corroboram com essa análise, uma vez que o corpo do adolescente é, muitas vezes, objeto de sofrimento intenso, isso ligados a múltiplas fontes traumáticas reveladas pela puberdade também aumentariam a prevalência de tais atos na adolescência.

Assim, retomado os critérios de análise, pode-se afirmar que estes foram suficientes para o desenvolvimento do trabalho e que o mesmo pode servir como fonte de consulta brasileira para a realização de futuras pesquisas. No entanto, faz-se necessário avaliar a forma de estudar o fenômeno para chegar a conclusões mais ampliadas, com ações preventivas, visando, a longo prazo, verificar a redução de casos de adolescentes que se automutilam.

## **Conclusão**

Tendo em vista o crescente número de casos de automutilação em adolescentes no Brasil, conclui-se que a contribuição de estudos clínicos e epidemiológicos é modesta. Desta forma, o presente estudo tem papel relevante, especialmente em estratégias de prevenção e tratamento. Constatou-se ainda que o número de estudos os quais relacionam a conduta de automutilação a fatores neuropsicológicos e sugerem possíveis intervenções do profissional psicólogo são

ainda menores. Isso decorre do fato de que a automutilação é um tema de difícil estudo, visto que os indivíduos os quais apresentam esse tipo de conduta não são facilmente identificados, e quando o são, o diagnóstico adequado no âmbito clínico é complexo. Assim, faz-se necessário mais estudos neste contexto, delimitando a melhor forma de aprofundar-se neste fenômeno, para chegar a conclusões mais ampliadas e sugerir intervenções significativas.

### **Referências Bibliográficas**

BERNARDES, S. M. **Tornar-se (in) visível: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam.** 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135810>>. Acesso em: 02 abril de 2018.

BRAGA CAVALCANTE, J. Redes de depressão e cutting no cenário jovem alternativo: uma contribuição sociológica acerca da automutilação. In: **Versão online. VIII Congresso Português de Sociologia.** Vol. 28. 2016. Disponível em: <[http://www.academia.edu/8503752/Redes\\_de\\_depressao\\_e\\_cutting\\_no\\_cenario\\_jovem\\_alternativo\\_uma\\_contribuicao\\_sociologica\\_acerca\\_da\\_automutilacao](http://www.academia.edu/8503752/Redes_de_depressao_e_cutting_no_cenario_jovem_alternativo_uma_contribuicao_sociologica_acerca_da_automutilacao)>. Acesso em: 02 abril de 2018.

BUSSMANN, C. E.; PRETTO, B. relato de experiência: percepção acerca do significado dos cortes no corpo do adolescente. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 9, n. 3, p. 168-185, 2017.

CARDOSO, B. C. C. **A escarificação na adolescência: a problemática do eu-pele a partir do Rorschach.** 2015. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/20593>>. Acesso em: 02 abril de 2018.

CARDOSO, M. R.; DEMANTOVA, A. G.; MAIA, G. D. C. S. Corpo e dor nas condutas escarificatórias na adolescência. **Estudos de Psicanálise**, n. 46, p. 115-123, 2016.

CARISSIMI, A. C. B. **O enigma da adolescência e automutilações na dança da vida.** 2017. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/168631>>. Acesso em: 02 abril de 2018.

DAMOUS, I; KLAUTAU, P. Marcas do infantil na adolescência: automutilação como atualização de traumas precoces. **Tempo psicanalítico**, v. 48, n. 2, p. 95-113, 2016.

DRIEU, D.; PROIA-LELOUEY, N.; ZANELLO, F. Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 14, n. 1, p. 09-20, 2011.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/en.php>>. Acesso em: 02 abril de 2018.

GONÇALVES, J. N. **“Vocês acham que me corto por diversão?” Adolescentes e a prática da automutilação**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20878>>. Acesso em: 02 abril de 2018.

GUERREIRO, D. F.; SAMPAIO, D. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. **Revista portuguesa de saúde pública**, v. 31, n. 2, p. 213-222, 2013.

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em psicologia**, v. 13, n. 2, p. 91-103, 2005.

MESQUITA, C.; RIBEIRO, F.; MENDONÇA, L.; MAIA, A. Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, p. 97-109, 2011.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, M. A. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?** 2016. Monografia. Faculdade Bahiana de Medicina. Disponível em: <<http://www7.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/326>>. Acesso em: 24 abril de 2018.

RODRIGUES, J. R. **Funcionamento familiar e percepção de rejeição paterna: Influência na ocorrência de comportamentos autolesivos na adolescência**. 2015. Tese de Doutorado. Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/4533>>. Acesso em: 24 abril de 2018.

SILVA, M. F. A.; SIQUEIRA, A. C. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura-RO. **Revista Farol**, v. 3, n. 3, p. 5-20, 2017.

TRINCO, M. E. D.; SANTOS, J. C.; BARBOSA, A. Vivências e necessidades dos pais no internamento do filho adolescente com comportamento autolesivo. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 13, p. 115, 2017.

TRINCO, M. E.; SANTOS, J. C. O adolescente com comportamento autolesivo sem intenção suicida no internamento do serviço de urgência de um hospital pediátrico da região centro. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. SPE5, p. 63-68, 2017.

ULBRICH, G. D.; OSELAME, G. B.; OLIVEIRA, E. M.; NEVES, E. B. Motivadores da ideação suicida e a autoagressão em adolescentes. **Adolescência e Saúde**, v. 14, n. 2, p. 40-46, 2017.